

## **As Comisiones Obreras (CCOO) da Espanha e a Central Única dos Trabalhadores (CUT) do Brasil – Esboço de um estudo comparativo**

**Paulo Sergio Tumolo\***

### **Resumo**

O texto apresenta um esboço de estudo comparativo entre as *Comisiones Obreras* (CCOO) da Espanha e a Central Única dos Trabalhadores (CUT) do Brasil, as duas maiores e mais importantes centrais sindicais de seus respectivos países. Destaca que, apesar de várias diferenças em suas trajetórias históricas, elas nasceram como organizações sindicais combativas e de esquerda, com um perfil classista e anticapitalista e se converteram em Centrais sindicais reformistas, negociadoras e amoldadas à lógica capitalista.

**Palavras-chave:** Comisiones Obreras, CCOO, Central Única dos Trabalhadores, CUT, sindicalismo.



\* **PAULO SERGIO TUMOLO** é Mestre em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Doutor em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1998) e Pós-Doutor na Universitat Autònoma de Barcelona. É professor associado da Universidade Federal de Santa Catarina - Centro de Ciências da Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado)



### As Comisiones Obreras (CCOO)

Na Espanha há uma quantidade enorme de sindicatos, federações e confederações sindicais, organizadas por ramos de atividade e/ou de acordo com um determinado perfil político-ideológico, e centrais sindicais, muitas delas formadas nas comunidades autônomas, que compõem o reino da Espanha. Atualmente, as Comisiones Obreras (CCOO) são a principal força sindical espanhola.

As primeiras *Comisiones Obreras* nasceram no final da década de 1950 como um movimento espontâneo de trabalhadores, que surgem em fábricas, minas e campos para reivindicar melhorias trabalhistas diante das direções das empresas, à margem e contra o sistema franquista. A partir de 1964 as CCOO iniciam sua caminhada como movimento organizado,

conseguindo a aglutinação e a coordenação, em grande medida, do movimento operário espanhol.

No início, as *Comisiones Obreras* não estavam afinadas com uma determinada concepção política e ideológica, já que, nelas, havia uma confluência de vários segmentos e correntes político-ideológicas. Delas participavam tanto as organizações legais como as irmandades católicas, grupos de esquerda, assim como socialistas, comunistas e anarco-sindicalistas que se encontravam na ilegalidade. Mas também militantes e grupos não organizados que nunca haviam entrado em contato com o sindicalismo organizado. Contudo, o Partido Comunista da Espanha trabalhou ativamente dentro delas, e pouco a pouco começou a conquistar posições importantes, de tal maneira que, em 1967, quando se realizou a primeira assembléia nacional, seus

membros já controlavam os órgãos diretivos nacionais.

As *Comisiones Obreras* permaneceram como uma organização clandestina até abril de 1977, data em que foi legalizada sob a denominação oficial de *Confederación Sindical de Comisiones Obreras* (C.S. CC.OO.). Em junho de 1978 realiza seu primeiro congresso confederal no qual se elegeu uma direção estável, sendo nomeado secretário geral Marcelino Camacho, militante histórico do PCE e das CCOO, que foi sua mais importante liderança, e que se manteve no cargo até 1987.

Praticamente todos os autores que estudaram as CCOO<sup>1</sup> são unânimes com relação à caracterização das CCOO durante o período que vai de seu nascimento como movimento espontâneo até sua legalização em 1977, identificando-as como um sindicalismo combativo, com um claro perfil de esquerda e, sobretudo, classista, apresentando diferenciadores em relação às formas sindicais anteriores.

A legalização, que ocorreu no final dos anos 1970, significou o auge e a consolidação das CCOO, fruto da luta

aguerrida e heróica do sindicalismo combativo e de esquerda na Espanha. Mas, ao mesmo tempo, significou também o marco inicial de uma inflexão em sua trajetória política que resultaria em agudas alterações.

As características que imprimiram a marca registrada das CCOO em suas fases iniciais começam a sofrer profundas mudanças a partir dos anos 1980 e se tornam mais visíveis no período em que o secretário geral foi Antonio Gutiérrez, eleito no IV Congresso em 1987, reeleito no V Congresso em 1991 e permanecendo no cargo até o ano 2000.

Como há uma escassa produção acadêmica acerca das CCOO que se debruçou sobre o período mais recente, foi necessário recorrer a textos esparsos, documentos das CCOO e pronunciamentos de suas principais lideranças, o que possibilitou alinhar uma compreensão do processo de transformação pelo qual passaram as CCOO a partir dos anos 1980.

Numa conferência pronunciada em janeiro de 1992 (cf. GUTIÉRREZ, 1993), o então secretário geral, Antonio Gutiérrez, advoga que o Estado e a sociedade civil, imbricados e em parceria, devem encaminhar ações, sejam em âmbito estatal – política econômica, sejam na esfera da sociedade civil - mercado de trabalho, emprego, etc. – que redundem não apenas numa democracia política, mas também numa “democracia econômica – entendida como integração de todos e todas por vínculos que garantam a vida, a autonomia e o desenvolvimento” -, o que criaria as condições necessárias para a concretização do objetivo fundamental: a coesão social. Dessa forma, os sindicatos, em parceria com o Estado, também devem orientar sua estratégia para a mesma finalidade, a

---

<sup>1</sup> Sobre as fases iniciais das CCOO há uma razoável produção bibliográfica, tanto de pesquisadores acadêmicos como de autores-militantes, principalmente das próprias fileiras das CCOO, com destaque para Marcelino Camacho, que foi sua mais importante liderança e referência política. Os estudos mais sistemáticos, os mais importantes textos, inclusive aqueles que se tornaram clássicos, cobrem o período que vai das origens das CCOO até o final da década de 1980 (ARIZA, 1976, 1977, 2001; BABIANO, 2001; BOIX & PUJADAS, 1975; CAMACHO, 1974, 1990, s/d.; CLÍMACO, 1999, 2002; GABRIEL, 1989; LUDEVIL, 1977; MATEOS, 1987; MOLINERO & YSÀS, 1998; RUÍZ, 1993; SARTORIUS, 1975, 1976, 1977; ZAMORA ANTÓN, 1987), contrastando, como veremos mais adiante, com o período posterior, sobre o qual há uma escassa produção.

coesão social, o que significa dizer que a luta deve ser no sentido de aperfeiçoar o capitalismo, buscando superar seus defeitos e limites. Desaparecem, nessa estratégia, a perspectiva anticapitalista e socialista, e, por essa razão, a luta de classes, bem como a compreensão do caráter classista do Estado, como sendo a expressão política do poder da classe capitalista sobre o conjunto da sociedade, que foram as características marcantes das CCOO nos períodos anteriores. No fundo, trata-se de uma estratégia reformista, nos moldes do projeto social-democrata.

Tanto a análise da realidade como o desenho estratégico, e as ações táticas daí derivadas, apresentados por Gutiérrez foram retomados e aprofundados por seu sucessor José María Fidalgo, que ficou na secretaria geral das CCOO por duas gestões, de 2000 a 2008. Num texto com o título “Sindicato e sociedade” (FIDALGO, 2001), faz uma espécie de apologia da globalização, propõe o fortalecimento das sociedades abertas, da democracia e dos direitos de cidadania, vale dizer, dos fundamentos da ordem capitalista e, para alcançar tais objetivos defende a associação entre capital e trabalho e o papel do sindicato como estabilizador social. Como se não bastasse, ainda propugna a compreensão de que o trabalho ou a classe trabalhadora constitui-se como capital humano.

Os dois dirigentes expressam os rumos tomados pelas CCOO a partir do final dos anos 1980 até o presente momento e o Programa de ação aprovado no 8º Congresso Confederal (2004) confirma claramente os postulados estratégicos apresentados pelos secretários gerais que dirigiram a central de 1987 a 2008, inclusive identificando a classe operária com capital humano (cf. CONFEDERACIÓN SINDICAL DE

COMISIONES OBRERAS, 2004, p. 52).

O livro de Führer (1996), um dos raros textos que faz um estudo sistemático e exaustivo do movimento sindical espanhol numa perspectiva crítica e cobrindo também o período da transição democrática, confirma as profundas mudanças que ocorreram em sua trajetória. A conclusão de seus estudos, que tomam como objeto privilegiado as duas principais centrais sindicais espanholas – CCOO e UGT –, é enfática: “o movimento sindical espanhol se **orienta claramente em direção à reforma**” (idem, p. 383, tradução livre, sem grifo no original). E complementa: “se em seu momento, os sindicatos espanhóis figuravam entre os mais radicais da Europa Ocidental, com a desapareção do regime autoritário **abandonaram seu rumo de confrontação com o Capital e o Estado**” (ibidem, tradução livre, sem grifo no original). Agora, sua estratégia passa a basear-se na negociação, sobretudo no âmbito central da política de concertação com empresários e governo e nos pactos-macro, subscritos no marco da “concertação social”.

### **A Central Única dos Trabalhadores (CUT)**

A construção da Central Única dos Trabalhadores — CUT ocorre no final dos anos 1970, acompanhando o processo histórico de retomada das lutas da classe trabalhadora brasileira, protagonizadas principalmente pelo chamado novo sindicalismo, pelas oposições sindicais e pelo sindicalismo rural. Sua criação formal se deu em agosto de 1983, no I CONCLAT (Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras), realizado em São Bernardo do Campo - SP

Já em seus primórdios, e como desdobramento de seu processo de gestação e nascimento, a CUT busca construir as bases de sua identidade política, inclusive se diferenciando e se contrapondo a outras correntes sindicais, apontando para uma perspectiva **classista** e **anticapitalista**. Tal posição foi se consolidando no interior da Central, de tal maneira que o II Congresso Nacional da CUT (CONCUT) realizado em 1986 no Rio de Janeiro confirma, no Estatuto, seu **caráter socialista**.

Por outro lado, o II CONCUT se caracterizou também pela formalização das duas principais tendências internas: a ‘Articulação Sindical’ e a ‘CUT Pela Base’.

Todavia, se as características apontadas anteriormente tornaram-se a “marca registrada” da CUT neste primeiro período que se inicia em 1978/83, tal quadro começa a se alterar no final da década de 80, sendo que há um consenso entre os diversos estudiosos, apesar de suas divergências analíticas e político-ideológicas, que o III CONCUT, realizado em Belo Horizonte em 1988, foi um dos marcos mais importantes nesse processo, porque foi o último congresso de massas da Central e o maior de todos, sendo que, com ele, começa a haver uma transição da **CUT-movimento** para a **CUT-organização**.

Dessa forma, é possível apreender da análise dos estudiosos do sindicalismo cutista que a virada da década de 1980 para a de 90 significou também uma virada nos rumos da CUT e, se é verdade que o terceiro congresso simbolizou o “início” deste processo, segundo os mesmos autores, o IV CONCUT foi a expressão político-institucional da consolidação de tal inflexão. Realizado em 1991, com a

presença de apenas 1554 delegados — resultado das decisões do congresso anterior — e numa conjuntura completamente diversa daquela do final dos anos 1970 e início dos 80, tendo como pano de fundo a conformação do novo padrão de acumulação de capital que já imperava nos países centrais, no qual o Brasil já tomava a iniciativa de se inserir, o colapso da maioria dos países socialistas e, do ponto de vista sindical, o surgimento e crescimento da Força Sindical, o congresso recolocou na ordem do dia a discussão, ou melhor, o embate entre as diversas correntes políticas que disputavam a estratégia a ser trilhada pela CUT.

Em linhas gerais, os resultados foram claramente favoráveis à tendência majoritária, a Articulação Sindical, significando a consagração de uma estratégia política para a Central apontada para a negociação dentro da ordem ou, como definem vários autores, numa perspectiva socialdemocratizante, o que gerou um comentário esclarecedor do então Secretário Nacional da CUT, Gilmar Carneiro: “em 1983, no Congresso de fundação da CUT tiramos fora a direita. Neste IV CONCUT nos livramos da esquerda” (apud Gianotti & Lopes Neto, 1991b, p. 81).

De fato, as reuniões posteriores — as 5ª e 6ª. Plenárias Nacionais, que aconteceram em 1992 e 1993, bem como o V CONCUT que se realizou em 1994 — confirmam a consolidação dessa estratégia adotada pela CUT.

Lopes Neto & Gianotti reconhecem a consolidação daquela estratégia, ao argumentarem que na

incapacidade global da CUT de dar respostas ao projeto neoliberal, destaca-se principalmente a sua incapacidade de responder ao canto da sereia da mudança da sua

perspectiva estratégica. Isto é, **passar de um sindicalismo classista, de confronto, com uma perspectiva estratégica socialista, a um sindicalismo de parceria entre capital e trabalho.** Um sindicalismo vislumbrado com a palavra “tripartite”: empresários e trabalhadores sentados na mesa junto com o governo situado acima das classes. Sindicalismo de “concertação social”, como se fala na linguagem sindical da CIOSL, Central mundial a qual a Central brasileira acabou de se filiar, em julho de 92 (Lopes Neto & Gianotti, 1993, p. 72, sem grifo no original).

Dessa forma, de seus primórdios até 2002, pode-se vislumbrar três fases na trajetória do sindicalismo cutista. Primeiramente, aquela que vai de 1978/83 até aproximadamente 1988 que se caracteriza por uma ação sindical combativa e de confronto. A segunda, cujo período aproximado é de 1988 a 1991, que pode ser classificada como a fase de transição e, por último, aquela caracterizada por um sindicalismo propositivo<sup>2</sup> e negociador<sup>3</sup>. Trata-se, portanto, de uma mudança política substancial, de um sindicalismo combativo e de confronto, de cunho classista e com uma perspectiva socialista, para uma ação sindical

---

<sup>2</sup>É preciso sublinhar que se trata de um caráter propositivo **dentro da ordem**, e não propositivo no sentido de uma estratégia que tenha em seu horizonte a superação da ordem.

<sup>3</sup> O presente texto abrangeu a análise da trajetória da CUT desde seu nascimento até a virada do século. Creio que seria possível considerar a hipótese da existência de uma quarta fase a partir de 2003, quando assume o governo Lula, tendo em vista a relação que a Central passa a estabelecer com este governo. Contudo, essa possível “nova” fase mereceria um estudo específico, fora dos objetivos deste artigo. A esse respeito, vide, entre outros, Boito Jr. (2003).

pautada pelo trinômio proposição/negociação/participação dentro da ordem capitalista que, gradativamente, perde o caráter classista em troca do horizonte da *cidadania*<sup>4</sup>.

### Elementos comparativos entre as CCOO e a CUT

A explanação realizada anteriormente permite fazer uma comparação ou, pelo menos, uma aproximação entre o caso espanhol, as CCOO com um caso brasileiro, a Central Única dos Trabalhadores (CUT), cujas conclusões serão expostas, a seguir, na forma de tópicos:

- Há uma diferença nos períodos de existência das duas centrais sindicais. As CCOO nasceram no final dos anos 1950 e se consolidaram na década seguinte, enquanto que a CUT gestou-se no final dos anos 1970 e se consolidou na década de 1980.
- As duas nasceram no contexto de ditaduras – as CCOO sob a ditadura de Franco, instituída a partir de sua vitória na guerra civil espanhola e a CUT sob a ditadura burguês-militar instaurada a partir do golpe de 1964 -, tinham um fortíssimo componente antiditatorial e foram duramente reprimidas, permanecendo, por um tempo, na ilegalidade.

---

<sup>4</sup> A apreciação aqui apresentada da trajetória da CUT com a caracterização de suas fases foi baseada nos estudos de vários autores. Além daqueles citados anteriormente, cabe mencionar alguns entre os mais importantes: Antunes (1995; 1997), Boito Jr. (1991b, 1996, 2002), Costa (1995), Gianotti (1993), Gianotti & Lopes Neto (1991a, 1991b), Lopes Neto & Gianotti (1993), Rodrigues, I. J. (1993), Rodrigues, L. M. (1990, 1991) e Tumolo (2002).

- Ambas buscaram, em seu nascimento, diferenciar-se de todas as formas tradicionais de organização política e sindical. As CCOO se reivindicavam como “novo modelo sindical” e os estudiosos da CUT a caracterizaram como “novo sindicalismo”.

- Existem muitas semelhanças na composição política das duas centrais sindicais em seu nascedouro. Ambas foram formadas por organizações e correntes políticas de esquerda muito variadas, inclusive de origem cristã, e por militantes independentes, que não estavam organizados em nenhuma delas.

- Entretanto, pelo menos nos períodos iniciais, há uma marcada diferença de comando político entre elas. No início, as CCOO não estavam afinadas com uma determinada concepção política e ideológica, mas pouco a pouco o Partido Comunista da Espanha começou a conquistar posições importantes, de tal maneira que, em meados dos anos 1960, passa a ter hegemonia dando a direção política, o que perdurou até, aproximadamente, meados da década de 1980. Diferentemente, a CUT, apesar de ter sido composta por várias pequenas organizações de matizes comunistas, nasceu à margem e, em alguma medida, contra os dois principais partidos comunistas brasileiros – PCB e PC do B -, que, no início, participavam de outras organizações sindicais e que, só posteriormente, passaram a

compor fileiras dentro da CUT. No caso brasileiro também não havia, logo no começo, uma definição clara de qual era a concepção política hegemônica. Contudo, a partir da segunda metade da década de 1980, o chamado *grupo dos 113*, um agrupamento de sindicalistas e militantes políticos forjados fora do círculo das organizações comunistas, alguns deles influenciados por uma concepção cristã de esquerda, do qual Lula era uma das principais – senão a principal – lideranças, foi o embrião da *articulação sindical*, que passa a ter a hegemonia no interior da CUT e imprime sua direção política.

- Apesar dessas diferenças de comando político, ambas tiveram uma estratégia política similar em suas fases iniciais. Não apenas faziam uma luta contra as respectivas ditaduras, como tinham um caráter bastante combativo, com uma perspectiva classista e buscavam combinar a luta reivindicativa com a luta anticapitalista.

- As duas Centrais sindicais nasceram com um perfil de movimento social e com o tempo foram se transformando em organizações sindicais e se institucionalizando.

- Ambas sofreram mudanças semelhantes em sua estratégia política, que foram sentidas em momentos distintos. Enquanto as CCOO começavam a dar um “giro à direita” nos anos 1980, a CUT nascia e crescia embalada por uma postura bastante combativa e de

esquerda. Na década de 1990 foi a vez de a CUT fazer seu “giro à direita”. Apesar dessa diferença, o processo e o caráter das mudanças na estratégia política de ambas são muito similares. De organizações sindicais combativas e de esquerda, com um perfil classista e anticapitalista se converteram em Centrais sindicais reformistas e amoldadas à lógica capitalista, o que para alguns autores caracterizaria uma estratégia social-democrata. Não há, em nenhum dos dois casos, estudos suficientes e conclusivos a respeito das razões que levaram a essas mudanças. Não obstante, é possível sugerir, pelo menos como hipótese, de que haja uma combinação de vários fatores, com destaque para dois deles: o advento e consolidação de um novo padrão de acumulação de capital a partir da década de 1970 e as alterações que provocou nas formas de organização e gestão do trabalho, e uma determinada opção de estratégia política que conseguiu se converter em vencedora, no jogo de forças da luta política que se travou entre as várias correntes que compuseram as duas centrais ao longo de suas respectivas histórias.

- Ambas têm, hoje, um perfil muito similar: são as maiores centrais sindicais de seus respectivos países e expressam uma estratégia de ação política muito parecida.
- Mais do que uma relação próxima, a CUT se constitui,

hoje, num dos principais esteios dos governos capitaneados pelo PT, de Lula e de Dilma, não apenas pela presença de muitas de suas lideranças nas diversas instâncias de governo, mas, principalmente pela opção política que fez, já que a CUT e o PT, ou melhor, a articulação sindical da CUT e a articulação do PT sempre tiveram uma relação simbiótica. No caso da Espanha não se pode afirmar o mesmo, visto que as CCOO nunca tiveram esse tipo de relação com o atual governo e com seu partido, o PSOE, posição que foi ocupada pela UGT, que também teve, ao longo de sua história, uma relação simbiótica com o PSOE. Contudo, apesar de sua independência, é possível indicar, pelo menos como hipótese, já que existem muitos indícios, que não há discordâncias de fundo entre a política do atual governo espanhol e a concepção estratégica das CCOO.

A trajetória histórica das CCOO e da CUT, as mais importantes centrais sindicais da Espanha e do Brasil e, sobretudo, as mudanças ocorridas em suas estratégias políticas expressam, em grande medida, uma derrota, pelo menos provisória, da classe trabalhadora e indica a necessidade da retomada de um projeto classista e anticapitalista.

#### Referências

ANTUNES, Ricardo. **O novo sindicalismo no Brasil**. Campinas : Pontes, 1995.

\_\_\_\_\_. (1997). Trabalho, reestruturação produtiva e algumas repercussões no sindicalismo brasileiro. In: \_\_\_\_\_ (org.).

**Neoliberalismo, trabalho e sindicatos.** São Paulo : Boitempo, pp. 71-84.

ARIZA, Julián. **CC.OO.** Barcelona: Mañana Editorial, 1976

\_\_\_\_\_. La Confederación Sindical de Comisiones Obreras. 1ª ed., Barcelona : Avance, 1977.

BABIANO, José. Origen y ascenso de las Comisiones Obreras bajo en franquismo. Gaceta Sindical. Reflexión y Debate. CSCCOO. Madrid: Octubre 2001.

BOITO Jr, Armando. **O Sindicalismo de Estado no Brasil.** São Paulo : UNICAMP/HUCITEC, 1991a.

\_\_\_\_\_. Reforma e persistência da estrutura sindical. In.: \_\_\_\_\_ (org.) **O sindicalismo brasileiro nos anos 80.** São Paulo : Paz e Terra, 1991b.

\_\_\_\_\_. Hegemonia neoliberal e sindicalismo no Brasil. **Crítica Marxista** vol. 1 n.o 3. São Paulo : Brasiliense, 1996.

\_\_\_\_\_. **Política neoliberal e sindicalismo no Brasil.** São Paulo : Xamã, 2002.

\_\_\_\_\_. A hegemonia neoliberal no governo Lula. **Crítica Marxista** n.o 17, Rio de Janeiro : Revan, 2003.

BOIX, I. & PUJADAS, M. Conversaciones sindicales con dirigentes obreros. Barcelona: Avance, 1975.

CAMACHO Marcelino. Charlas en la prisión: el movimiento obrero sindical. Paris: Librairie du Globe, 1974.

\_\_\_\_\_. Confieso que he luchado. Memorias. Temas de hoy. Madrid, 1990.

\_\_\_\_\_. Intervención inaugural en la Asamblea de Barcelona. Gaceta Sindical. Reflexión y Debate. CSCCOO. Madrid: Octubre 2001.

\_\_\_\_\_. **Principios en que se basa el movimiento sindical y el nuevo estilo de CC.OO.** Formación sindical. Madrid: Secretaría de Formación de la C. S. de Comisiones Obreras, s/d.

CLÍMACO, Arlene Carvalho de Assis. Del sindicalismo como movimiento socio-político al sindicalismo como organización institucionalizada - el caso de CC.OO. y de CUT (Tese de doutorado). Madrid : Universidad Complutense de Madrid (U.C.M.), 1999.

\_\_\_\_\_. Sindicalismo e transição: de movimento sociopolítico a organização institucionalizada. Inter-Ação. Rev. Fac. Educ. UFG, 27 (2): 5-14, jul./dez. Goiânia : 2002.

CONFEDERACIÓN SINDICAL DE COMISIONES OBRERAS. **Programa de acción.** Documentos aprobados en el 8º. Congreso Confederal. CSCCOO. Madrid : 2004.

COSTA, Silvio. **Tendências e centrais sindicais:** o movimento sindical brasileiro de 1978 a 1994. Goiânia/São Paulo : Anita Garibaldi, 1995.

FIDALGO, José Maria. Sindicato y sociedad. **Gaceta Sindical.** Reflexión y Debate. CSCCOO. Madrid: Octubre 2001.

FUNDACIÓN 1º. DE MAYO. Forjando la democracia. Los trabajadores y CCOO en la transición política. Madrid: CCOO, 2008.

FUNDACIÓN SINDICAL DE ESTUDIOS-CCOO DE MADRID. Sobre el presente y futuro del sindicalismo. Madrid: GPS, 2006

FÜHRER, Ilse Marie. **Los Sindicatos en España:** de la lucha de clases a estrategias de cooperación. Madrid: Consejo Economico y Social (CES), 1996.

GABRIEL, Pere (coord.) et al. Comisiones Obreras de Catalunya. 1964-1989. Barcelona : CERES/ Empúries, 1989.

GIANNOTTI, Vito. **Reconstruindo nossa história:** 100 anos de luta operária no Brasil. Petrópolis : Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Collor, a CUT e a pizza.** São Paulo : Página Aberta/Escrita, 1993.

GIANNOTTI, Vito & LOPES NETO, Sebastião. **CUT, por dentro e por fora.** Petrópolis : Vozes, 1991a.

\_\_\_\_\_. **CUT ontem e hoje.** São Paulo : Vozes, 1991b.

GUTIÉRREZ, Antonio. **Sindicalismo y nuevas realidades.** Madrid: Ediciones GPS, 1993.

\_\_\_\_\_. Comisiones Obreras y la transición democrática: una constribuición infravalorada. Gaceta Sindical. Reflexión y Debate. CSCCOO. Madrid: Octubre 2001.

LOPES NETO, Sebastião; GIANNOTTI, Vito (org.). **Para onde vai a CUT?** São Paulo: SCRITTA, 1993.

LUDEVIL, M. El movimiento obrero de Cataluña bajo en franquismo. Barcelona: Avance, 1977.

MARAVALL, Héctor. La aportación de CC.OO. al desarrollo de las políticas de bienestar social. Gaceta Sindical. Reflexión y Debate. CSCCOO. Madrid: Octubre 2001.

MATEOS, Abdón. Movimiento sindical y lucha obrera bajo el franquismo. El Proyecto, n. 1, p. 83-124. Barcelona: Universidad Sindical USO, 1987

MOLINERO, Carme & YSÀS, Pere. Productores disciplinados y minorías subversivas. Clase obrera y conflictividad laboral en la España franquista. Madrid: Siglo XXI, 1998.

RODRIGUES, Iram Jácome . **Trabalhadores, sindicalismo e democracia: a trajetória da CUT.** São Paulo, USP, Tese de Doutorado, 1993.

RODRIGUES, Leôncio Martins. **CUT: os militantes e a ideologia.** São Paulo : Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_. As tendências políticas na formação das centrais sindicais. In.: BOITO JR. Armando. **O sindicalismo brasileiro nos anos 80.** São Paulo : Paz e Terra, 1991.

RODRIGUES, Leôncio Martins et al. **Retrato da CUT.** São Paulo : CUT, 1991.

RUÍZ, David (dir.) et al. Historia de Comisiones Obreras (1958-1988). Madrid: Siglo XXI, 1993.

SARTORIUS, Nicolás. Resurgir del movimiento obrero. Colección Primero de Mayo. Barcelona: Laia, 1975.

\_\_\_\_\_. Qué son Las Comisiones Obreras. Barcelona: La Gaya Ciencia, 1976.

\_\_\_\_\_. El Sindicalismo de nuevo tipo: ensayos sobre Comisiones Obreras. Barcelona : Laia, 1977.

TUMOLO, Paulo S. **Da contestação à conformação. A formação sindical da CUT e a reestruturação capitalista.** Campinas: Unicamp, 2002.

ZAMORA ANTÓN, M. A. & IBÁÑEZ, D (Comps.) Comisiones Obreras. Diez años de luchas (1966-1976). Zaragoza: CCOO, 1987.